

## CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

O CINEMA E CONRAD, CONRAD E O CINEMA

2 e 12 de Abril de 2025

### CON GLI OCCHI DELL'OCcidente /1979

um filme de VITTORIO COTTAFVI

*Realização:* Vittorio Cottafavi *Argumento:* Vittorio Cottafavi, Amleto Micozzi a partir de *Under Western Eyes* de Joseph Conrad (1911) *Música original:* Carlo Savina *Interpretação:* Franco Branciaroli (Kirilo Sidorovic Razumov), Raoul Grassilli (Mr. Jones), Roberta Paladini (Nathalie Haldin), Gerard Amarato (Victor Haldin), Nais Lago (Frau Grethe), Elisa Cegani (Signora Haldin), Augusto Esposito (Kataev), Anna Carena (Anna Georgevna), José Quaglio (Príncipe Kalinin), Gianni Santuccio (Tekla), Luc Dal Fabbro (Kostia), Franco Graziosi (Consigliere Mikulin), Elio Jotta (Generale Tvardsky), Attilio Dottiesio (Laspara), Vittorio Fanfoni (Dobrynin), Giorgio Basso, Gianni Rubens, Giorgio Trestini, Daniele Pagani, etc.

*Produção:* RAI (Itália, 1979) *Título alternativo:* Sotto gli occhi dell'occidente *Cópia:* RAI, ficheiro digital (três ficheiros digitais), cor, falado em italiano e legendada electronicamente em português, 200 minutos *Primeira emissão televisiva (em Itália):* 2 Novembro de 1979 *Inédito comercialmente em Portugal Primeira apresentação na Cinemateca.*

#### Nota

Os ficheiros digitais que vamos apresentar, provenientes de Itália, têm uma deficiente qualidade de imagem, que é baça e pouco contrastada, possivelmente devedora de uma transcrição vídeo ela própria deficiente, e um logotipo impresso da RAI no canto superior esquerdo. Trata-se do conjunto dos três episódios de *Con gli occhi dell'occidente* realizados para televisão, devidamente assinalados, com genéricos de princípio e fim, tal como foram concebidos e originalmente transmitidos. No contexto deste programa à volta das adaptações ao cinema (ou por cineastas) da obra literária de Joseph Conrad, são transmitidos em contínuo, sem intervalo. A sua fraca qualidade de projecção é assumida, pela relevância do título no programa, como a única alternativa viável de apresentar “a mini-série” de Cottafavi.

---

*Under Western Eyes. Sob os Olhos do Ocidente. Con gli occhi dell'occidente.* O romance de Joseph Conrad, publicado em 1911, tem um belo título no original inglês, em português, em italiano. Foi uma aproximação do escritor à alma russa (título da tradução portuguesa de 1945), nascida do impulso de trabalhar algumas ideias de *The Secret Agent: A Simple Tale* (1907), o romance londrino com espionagem (adaptado ao cinema por Alfred Hitchcock em 1936, *Sabotage*). O manuscrito de *Under Western Eyes*, acabado em 1910, pô-lo face ao esgotamento. Levou-o a escrever uma nota de autor em 1920 que pusesse o romance na perspectiva histórica da Revolução Russa de 1917 por “ser preciso admitir que a força das circunstâncias já fez de *Sob os Olhos do Ocidente* uma espécie de romance histórico a braços com o passado”. Neste programa conradiano, é a segunda das vezes do romance, que foi adaptado uma primeira vez ao cinema em 1936, por Marc Allégret: *Razumov: sous les yeux d'occident*, rodado em estúdio em Paris (passou em Março, tal como *Sabotage*). É também o título da segunda das vezes que o italiano Vittorio Cottafavi adaptou Conrad, após a abordagem de *La folie Almayer* (1972, outro título de Março), a que Chantal Akerman voltou em 2009 (programado no dia 11).

A alma russa? O interesse pelo povo russo é explícito – e explicitado – no livro e nesta adaptação italiana. Na nota de 1920, Conrad clarifica que o romance “é mais uma tentativa de representação da psicologia russa do que da sua condição política”. Tem de dizer-se que os especialistas conradianos detectam a influência do Dostoiévski de *Crime e Castigo* na sua obra (e também de Nikolai Tchernichevski e Ivan Turguéniev), por mais que Conrad tenha propagado reticências, para não dizer desamor, a Dostoiévski e à literatura russa em geral. Já ele, sabe-se, é considerado um dos muito grandes escritores de ficção em inglês, a sua terceira língua. Talvez valham as linhas seguintes para lembrar que, filho de um de um casal

polaco no exílio, de quem ficou órfão muito cedo, Józef Teodor Konrad Korzeniowski nasceu na Ucrânia dos Czares em 1857. Que, educado por um tio, cultivou uma paixão pelo mar e começou a viajar embarcado em navios mercantes franceses a partir de Marselha, em 1874, e integrado numa tripulação britânica em 1878, oito anos antes de obter nacionalidade britânica. Joseph Conrad trocou o mar pela escrita com *Almayer's Folly* (1895), o primeiro dos romances que escreveu ininterruptamente até ao fim dos seus dias em 1924. Escrito entre uma revolução falhada (1905) e o despontar de uma revolução determinante (1917), *Under Western Eyes* revisita, pois, a história russa, impulsos revolucionários, profundezas humanas. “O romance de ‘culpa e expiação’ ambientado na Rússia czarista” de Conrad adaptado “por Cottafavi, usando a televisão, exemplifica como poucos o modo como a impureza do cinema moderno interveio de forma desbloqueadora na problemática destas adaptações”, defende José Manuel Costa, aludindo à personagem do narrador, o professor inglês de Genebra que deve ser entendido como alter ego do escritor e que “torna-se justamente chave nas mãos de um autor que experimentara já no seu classicismo a inclusão de momentos assumidos como ‘brechtianos’”.

De facto, a estrutura de série assenta razoavelmente na personagem do narrador, presente no romance. Se o genérico se inscreve sobre o grande plano de uma imagem fotográfica de Conrad e o início de cada episódio retoma as imagens explosivas de um atentado em São Petersburgo, as intervenções da personagem do professor, sempre na abertura dos episódios mas não apenas, representam a distância da perspectiva. Escreveu Conrad, ainda na nota de 1920, que personagem foi útil ao escritor interessado em que o leitor achasse a mesma utilidade: “Tem de ser útil ao leitor tanto sob a forma de comentário e no papel que desempenha na progressão da história” como testemunha que “produza o efeito de realidade” e ainda como amigo e confidente de Nathalie Haldin. Cottafavi encontrou-lhe a mesma relevância e acrescentou-lhe a função de encadear os três andamentos da (mini-)série.

Tem de sublinhar-se que série é a entender na longínqua concepção dos anos 1970, e é curioso reparar que esta é da mesma altura do *Amor de Perdição – Memórias de Uma Família* de Manoel de Oliveira, cuja versão televisiva tem na personagem de Ritinha o elo que encadeia os episódios. Curiosidade notada. *Con gli occhi dell'occidente* trabalha a sua dita *distância* na adaptação do romance em que o narrador é já um elemento distintivo e cuja complexidade assenta numa dramatização do diário – “ou confissão” – do jovem estudante russo, filho ilegítimo de um príncipe, Razumov (nome que parece estar enraizado em *razão*), pelo professor de línguas, acolhendo tanto a revelação como a ocultação de quem é e do que o move. Ligando-se ao revolucionário Victor Haldin, que descobre no seu quarto e que lhe pede ajuda para se reunir à família na Suíça, Razumov salva-o e trai-o, procurando depois a irmã deste em Genebra, Nathalie, talvez a mais estimável de todas as personagens, marcadas por falhas e contradições. O esqueleto narrativo, preenchido por outros acontecimentos, segue as possibilidades e impossibilidades idealistas, utópicas, hipócritas, irónicas do motivo concentrando-se no que o título indicia – o que é possível ver e o que não é possível ver. Com a distância que favorece equívocos ou interpretações erróneas ou ilusões ou alucinações. Razumov interpretará estar possuído por Haldin no mesmo passo em que afirma que passará a possuir a alma de Nathalie, por exemplo.

O olhar crítico de Conrad, do “impulso que temos em mitificar a Rússia” ao que descreve em 1920 como o ciclo característico da história russa, “desespero sem sentido provocado por tirania sem sentido”, pôs este seu romance político no centro de debates vários ao longo dos anos. “Nós ocidentais não percebemos o povo russo.” É uma premissa, repetida pelo professor na adaptação de Cottafavi. Será? Conclusão aberta a discussão no fim da “folha” que apenas aflora a complexidade do romance nesta sua visão cinematográfica ocidental.

Maria João Madeira